

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

EPOPEIA INFANTIL

Por FRANCISCA do CARMO COSTA

Desenhos de A. CASTAÑÉ

JA vai sendo tempo — disse bondosamente o tio João — de passar das histórias fantásticas, para um pouquinho de história verdadeira. Bem sei que a História é para os meus sobrinhos, infelizmente, por mal contada, uma fastidiosa lenga-lenga de datas e batalhas sem fim. No entanto, não desprezeis a História. Há nela muito ensinamento, muita poesia. Quereis saber?

Uma das mais belas páginas da História universal que é a admiração e até o espanto de muitos e notáveis historiadores, foi escrita sobre as aventuras prodigiosas de grande número de heróis do vosso tamanho, quero dizer, da vossa idade. Podeis orgulhar-vos de que, entre as maravilhas deste mundo, se conta, como justo motivo da mais alta glória, uma epopeia infantil.

Tio João puxou uma fumaça do seu cachimbo, e prosseguiu.

— «Estou-vos interessando, não é verdade? Ora prestem atenção:»

Desde o século X, costumavam



partir do Ocidente numerosos peregrinos em visita aos lugares santos que, como sabeis, é a terra onde Jesus nasceu e foi crucificado.

As guerras repetidas entre os cristãos e os sarracenos, levavam, também, muitas vezes, os príncipes da cristandade, em peregrinações à Terra Santa. Iam agradecer a Jesus Cristo, sobre o seu túmulo, as vitórias alcançadas contra os infiéis.

Em Jerusalém vivia, então, uma população cristã, bastante numerosa, num bairro rodeado de muralhas e onde havia mosteiros de homens e mulheres, igrejas e hospitais.

As forças que dominavam a Síria, mostravam-se bastante tolerantes para com esses cristãos e os peregrinos. Mas aconteceu que uma invasão de turcos, modificou, profundamente, a situação dos cristãos em Jerusalém.

Os cristãos começaram a sofrer maus tratos. Os invasores expulsaram os cristãos da sua cidade e ameaçavam profanar e arruinar os lugares santos.

A fé dos cristãos, impeliu, então, homens como Pedro Ermita, a pregar a guerra santa para a libertação de Jeru-

(Continua na página 8)



Hora de Recreio

Número 19
2.º CAMPIONATO

Secção Charadística

2 SETEMBRO
1 9 3 7

CHARADAS EM VERSO

1 — *Aqui, sendo verdadeiro, — 1*
Sendo certa a tradição, — 2
No «Tejo» lindo, altaneiro — 2
Tomava banho um tritão.

Segundo a folhinha diz:
Dêsde então aquelas águas
Tornam a gente feliz
Afastam dores e mágoas.

Colombano Zé Gaspar

SINOPADA

2 — *Respeita a vontade soberana da*
multidão, — 3-2.

Zé Manel

ELÉCTRICA

(A todos)

3 — *No acto solene de apresentação*
Eu não faço mais que solicitar
Que me aceiteis a colaboração
E, deste modo, os vir cumprimen-
tar — 2.

Messa assim Vir Bonus

DUPLA

4 — *A «mulher» é dotada de modés-*
lia — 3.

Zé

SALTITANTE

5 — * * * * *

Foi com medo que entrei na «embar-

Zé Fernando

ENIGMA TIPOGRÁFICO

6 — TRO F
9 letras

Zé Quitolas

PREGUNTA ENIGMÁTICA

7 — Qual é o nome de mulher, de 3
silabas que, trocando-se-lhe as letras da
segunda silaba, dá um outro nome de
mulher?

Um decifrador

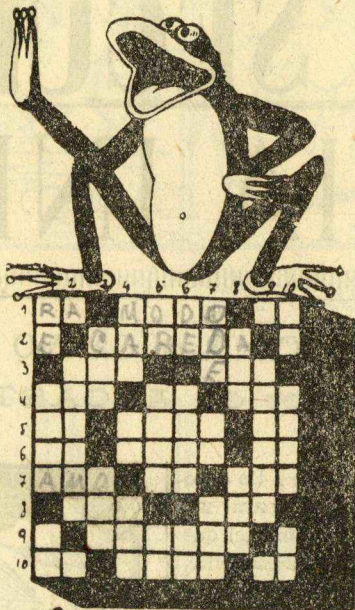
ENIGMA PITORESCO

8 —



Renato R. Paulo

PALAVRAS CRUZADAS



Adriano (F.G.)

PROBLEMA N.º 12

Verticais: 1 — Batráquio, chiquismo, pronome pessoal; 2 — Vogal, sem pêlo, vogal; 3 — Aconteceu, pronome pessoal; 4 — Título dado aos bispos maronitas, aqui, fileira; 5 — Outra coisa, emudece, nota musical; 6 — Pronome pessoal, prendel, instrumento caseiro (inv.); 7 — Juntei, atmosfera, passado; 8 — Patrão, data; 9 — Consoante, tumulto, consoante; 10 — Dentro de, recurso, existe.

Horizontais: 1 — Nota musical, bosque, até; 2 — Nota musical, falha, consoante; 3 — Plantar, magnete; 4 — Norma, aqui, panela; 5 — Vogal e consoante, busca, atmosfera; 6 — Soberano persa, levantar vô, consoantes; 7 — Composição poética, interjeição, nome de mulher; 8 — Remoinho de água, fúria; 9 — Vogal, terra portuguesa, consoante; 10 — Interjeição, planta com aplicações culinárias, ande.

NOÇÕES DE CHARADISMO

AVISO

Depois de termos publicado os resultados finais do I Campeonato, o que se fará já no próximo número, encetaremos imediatamente a publicação de *Noções de charadismo*.

CORRESPONDÊNCIA

A todos os concorrentes — Como é nosso desejo fazer de «Hora de Recreio» uma secção charadística modelo, onde apresentemos variada colaboração, pedimos a atenção de todos para o que se segue:

É sabido que a publicação dos trabalhos obedece à ordem alfabética e que, portanto, os produtores são beneficiados igualmente. Não dizemos todos, porque entre estes existem aqueles que, tendo enviado trabalhos diversísimos e tendo nós que variar a colaboração, são mais beneficiados e, assim, mais facilmente podem conseguir os primeiros lugares nos campeonatos.

Como conseguir desfazer esta desigualdade?

Muito facilmente. Dêsde que todos os concorrentes produtores variem a colaboração, enviando-nos *trabalhos desenhados* (pois são estes os únicos que não obedecem à citada ordem de publicação) já os podemos integrar na ordem alfabética e ficarão assim em igualdade de circunstâncias com os demais.

Presentemente, poucos são os produtores deste género, o que nos força a repetir constantemente a publicação dos trabalhos dos mesmos autores.

E, agora... mãos à obra!...

Zé — Não julgue que podemos ou devemos responder sempre e com a prontidão que deseja. As respostas são inúmeras e cada qual tem de esperar pela sua vez e isto só quando se trata de assunto capital. Como o espaço é pouco nem sempre podemos publicar a secção de *Correspondência*.

Quanto ao seu caso, tivemos que esclarecer alguns pontos duvidosos: Ser-lhe-ão contadas 4+5 decifrações, referentes respectivamente aos números 7 e 8.

João de Almeida L. Bonina — Quantas vezes é preciso dizer para que nos mande as decifrações num só papel, *mas num só*, ao alto e numeradas, conforme a ordem de publicação? Se telmar não poderá ser incluído como decifrador. E que é da votação!?

Pipocas — A charada a que se refere, é saltitante.

Armando Jorge — A votação deve vir na própria lista de decifrações, como enviou.

Vir Bonus — A lotação é infinita e a nossa paciência também.

Seja bem aparecido...

Toda a correspondência relativa a esta secção, deve ser endereçada a Américo Taborda — «Pim-Pam-Pum» — Rua do Século, 63 — LISBOA.

a' hora do deitar

Por FELIX VENTURA



Ajoelhada na caminha, mãos erguidas com unção, a Zêquinha pequenina, diz, assim, esta oração:

Senhor tem dó dos pobrinhos, dêsses que andam nos caminhos sem terem tecto nem lar e à quem a chuva inclemente fustiga impiedosamente, faz de frio tiritar.

Das criancinhas da rua, sem carinho de ninguém, e que, à noite, à luz da lua, dormem pois cama não têm.

De todos a quem a sorte jámais os quis bafejar

e que andam, de porta em porta, pedindo, quási a chorar.

Protege-me a mim também e perdôa-me as maldades, que eu inda sou pequenina, mas já pequei muitas vezes, embora seja menina.

Pois, se inda ontem, à tardinha, fui bater no meu Tareco. Mas, sabes? êle foi mau: partiu-me um lindo boneco.

Contudo, fiquei com pena que êle é muito meu amigo

e vi ser grande pecado ter-lhe dado tal castigo.

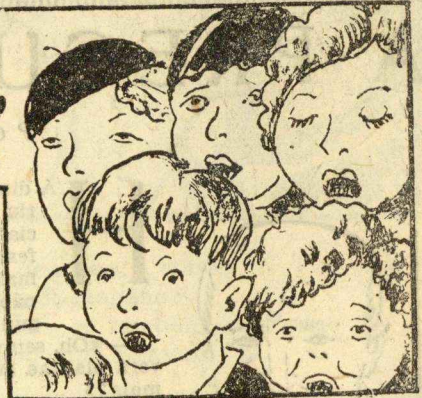
Perdôa-me esta maldade que eu prometo boa ser e nunca mais tal acção tornar de novo a fazer.

'Agora, qu'ria, Senhor, pedir-vos êste favor: Dai saüdades à Leninha que aí deve há pouco estar, e um beijo pela Zêquinha que vai agora sonhar com a saüdosa amiguinha.

A canção do Pim Pam Pum

Por DAVID DE ALMEIDA PINTO

Para ser cantada pelos pequeninos leitores do «Pim-Pam-Pum». Música de «Os Nove a Zero», do filme: — «O Trévo de 4 fôlhas.»



De manhã, brincando, ainda em jejum, eu fico esperando o meu «Pim-Pam-Pum» que me há de alegrar por ser tão catita, ficando a pensar no bom Santa-Rita que é um grande amigo da petisada bonita.

Estrilho

— «Venha quinta-feira!...
— (diz meu coração) —

só assim desta maneira, sinto alguma sensação, por ser nêsse dia que eu me riu, lendo êste excelente jornal com o qual eu muito aprendo.

Vamos lá dar, que eu posso, um por um, grandes vivas ao nosso «Pim-Pam-Pum»!

O BOTÃO e a LINHA

Por LAURA CHAVES

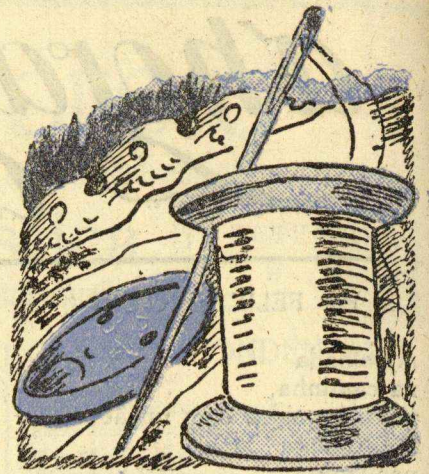
— Tenha dó, senhora Linha, não me tape os meus olhinhos! não me tire a luz que eu tinha, olhe que ficam cêguinhos! —

Dizia o pobre Botão, muito ralado, chorando. Mas a Linha, de roldão, os olhos lhe foi tapando. Passou uma, duas, três, sem se importar, com mau modo; e ao passar a quarta vez tapou-lhe os olhos de todo.

Mas quando o Botão, descrente, coitado, perdera a fé, deu um pulo de contente, sentiu que já tinha pé.

— Sou um homem, sou um homem! — começou êle a gritar, — E' bom que por tal me tomem pois já posso trabalhar!

Essa Linha abençoada não me cegou, não senhor. Meus olhos não viam nada, agora vêem melhor!

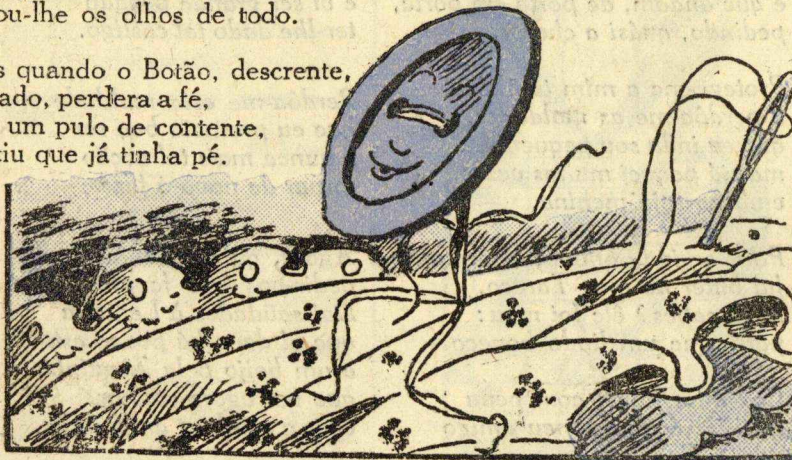


Porque é cego quem é fútil, ou ralaço ou mandrião, pois todo aquele que é útil vê desta vida a razão.

Agora, sei quanto valho, já sei para que nasci: para a labuta, o trabalho!

O' Linha, graças a ti, abrem-se novos destinos, tenho uma nova visão...

... ..
Era tão bom que os meninos pensassem como o Botão...



A PREGUNTA do ZÉZINHO

Por MANUEL FERREIRA

HA dias, o Zézinho assistiu a uma aula de ciências. E, ao ouvir o professor dizer que os animais comiam plantas, não se conteve e perguntou:

— «Oh, senhor doutor, não haverá plantas que comam os animais?»

Riu toda a classe da pergun-

ta, à primeira vista disparatada, do Zézinho. Os companheiros consideravam-o impertinente, por êle estar sempre a fazer perguntas ao professor. Mas, dêste modo, conseguia o Zézinho ser o melhor aluno da classe.

O professor sorriu, também, e respondeu, entre a admiração de todos:

— «Pois há!»

E explicou:

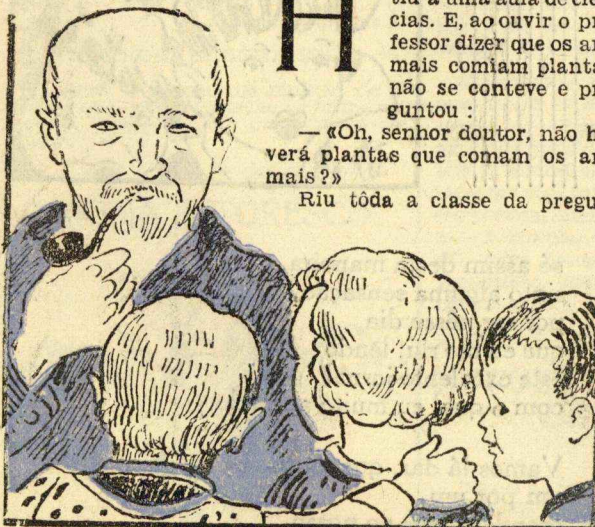
— Como os meninos sabem, existem três reinos na Natureza: o animal, o vegetal e o mineral. Entre êles, há uma enorme ligação: os animais comem vegetais que, para viverem, precisam de alimentos minerais. Há minerais que se confundem com vegetais, assim como animais, por exemplo: — o coral, que parecem plantas.»

Os pequenos estavam assombrados com a explicação. Regozijavam-se já por o Zézinho ter feito aquela pergunta.

O professor continuou:

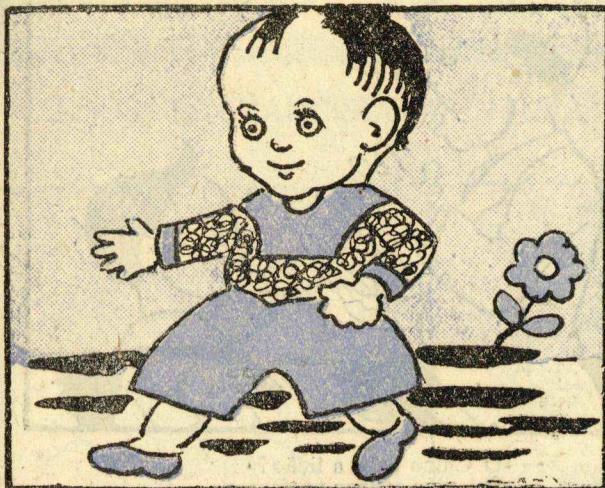
— Há, na América, uma planta, cujo nome científico é dionêa muscípula e conhecida por *papa-moscas*. O caule é pequeno e termina por flores brancas e lindas, cujas pétalas, grossas e com pêlos roxos, são muitos sensíveis.

Quando, atraído pela cor das pétalas e por um líquido, doce como mel, algum bichinho vem poisar na planta, as pétalas despejam um líquido sobre o insecto. Momentos

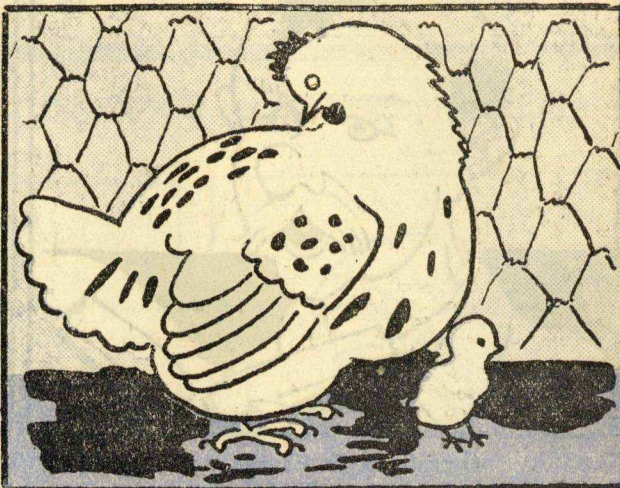


TINHA RAZÃO

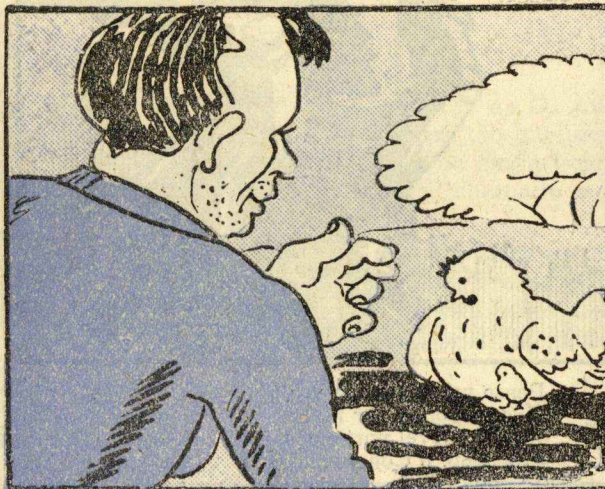
POR
DAVID DE ALMEIDA PINTO



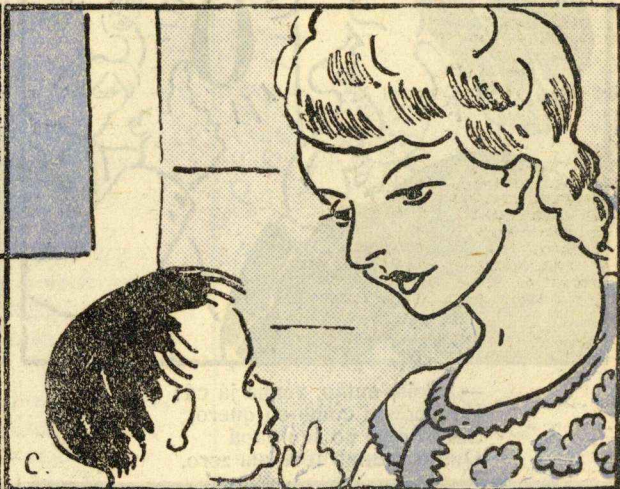
O lindo «Manecas Pinto»,
um petiz loiro e engraçado,
gosta muito de seus pais,
fala a todos com agrado.



Manecas, no seu quintal,
por sinal bem bonitinho,
tem uma bela galinha
que traz consigo um «pintinho».



Mas, uma vez, o petiz
ouviu dizer ao Jacinto:
— «Olha lá, qu'rida Maria,
então só tiveste um pinto ?!»



Volve, depressa, a sorrir,
o petiz todo magano:
— «Mamã, eu também sou Pinto
e não sou igual ao mano ?!»

depois, vêm-se os restos do bichinho que foi comido pela planta.»

— «E em Portugal, — (tornou o Zézinho) — há alguma planta dessas ?»

— «Sim — (respondeu o mestre) — Encontra-se uma planta que tem um nome muito exquisito. Expele um líquido ácido que mata o mosquito. Outra vive na água e deixa a flutuar uma bexiga que se enche de insectos.

Na Nova Guiné, a *nepenthes villosa* tem na extremidade das folhas um fio com um saco que tem dois litros de líquido açucarado. Os insectos, que são gulosos, como certos meninos, vão beber mas ficam all presos.»

— «E depois ?» — perguntou, novamente, o Zézinho.

— «Depois, as formigas, de vez em quando, vão ver os

tais sacos e, com muito cuidado, levam os insectos para as tocas.

O professor concluiu, entre a admiração da petizada :

— Vocês sabem muito bem que, quando aproximamos as mãos das sensitivas, estas fecham-se. E outras plantas, como o trevo de quatro fôlhas, murcham ao pôr do sol, abrindo só de manhã.

Tudo na Natureza é belo e maravilhoso, bendito seja Deus !»

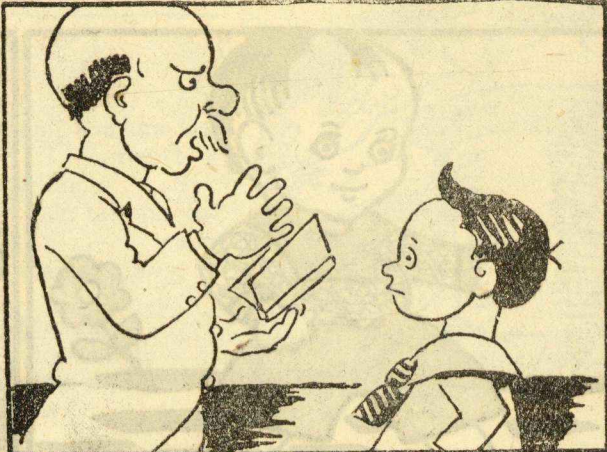
■ ■ F I M ■ ■

SAIDA ENGENHOSA

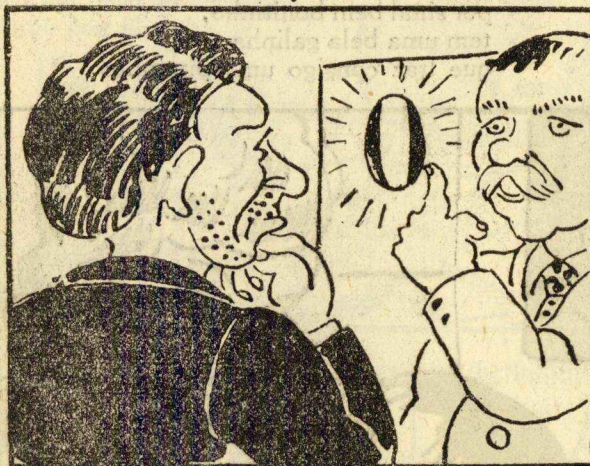
POR
ROGÉRIO CLARO



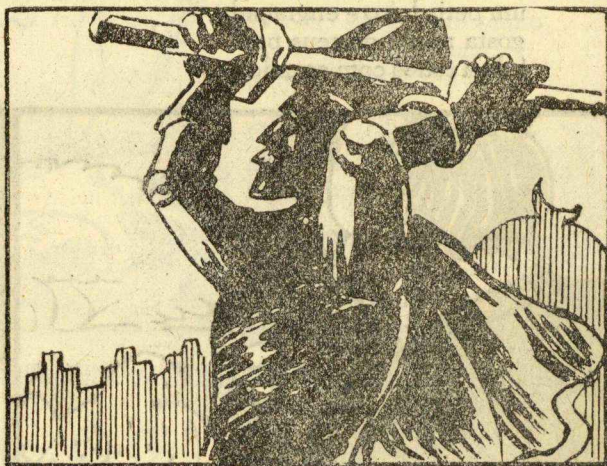
O professor Zé Ganhão,
Cujó nariz é uma noz,
Pegando num livro à mão,
Pergunta elevando a voz:



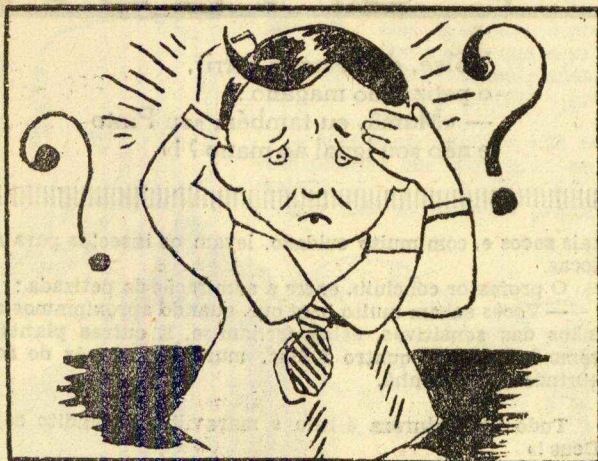
— «O Chico sabe a lição?»
— «Sei, sim, senhor professor.»
— «Não se faça trapalhão»
Diz êste de mau humor.



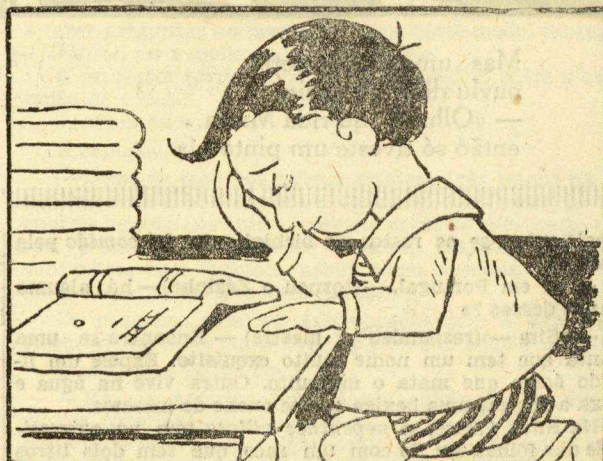
— «Pois, então, venha já cá:
E responda como eu quero,
Senão digo ao seu papá
Que o menino teve um zero.



Pense primeiro uma vez,
Mas responda por favor:
Qual foi o rei português
Chamado, o Conquistador?»



Então, Chico, atrapalhado,
Numa atitude nervosa,
Tem, sendo, assim, apanhado
Esta saída engenhosa:



— «Para ser franco e falar,
Como sempre é o meu modo:
Pús-me em casa a decorar,
Mas já me esqueceu de todo.»

CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



69

Eis um arquitecto ilustre
Que a Batalha construiu,
Realizando obra tão linda
Como outra não mais se viu.

Porém, já quasi no fim,
Sem luz nos olhos ficou
E o rei, dando-lhe pensão,
Para o seu lar o mandou.

Então, chama um estrangeiro
Para a obra concluir,
Mas tudo o que êle fizera
Viu-se, com pasmo, cair!

Veio, então, de novo o cego,
Fez a abóbada e ficou
Por três dias, só, sob ela
Que nunca mais desabou.

E ao saír disse, expirando:
«Deus queira que sempre vin-
gues!»

Este homem sublime e ilustre
E' Mestre



70

Filho de D. João I,
Era tão inteligente
Que ainda hoje na História
E' chamado o Eloquenté.

Combateu mouros em África
Mas um desgosto o esperava:
Ficou feito prisioneiro
Seu irmão que tanto amava!

E os mouros, depois, ferozes,
Disseram a gargalhar:
«Será livre D. Fernando
Se Ceuta quizeres dar!»

Mas o próprio D. Fernando
Tal sacrificio não quis...
E tudo depois sofreu
Sem se dizer infeliz.

Foi bom rei, mas sempre triste,
Amou as letras e a arte,
Escreveu livros famosos
E chamou-se



71

A nossa História, tão linda,
Como outra não há, tão bela,
Tinha de encontrar alguém
Que bem soubesse escrevê-la.

Alguém que soubesse dar
Todo o brilho e tôda a côr
Aos nossos feitos heróicos
Repletos de Pátrio Amor.

E êsse alguém surgiu um dia,
Pondo, com génio imortal,
Em crónicas singulares
A História de Portugal.

Crónicas de El-rei D. Pedro,
D. Fernando e D. João,
São livros que entusiasman
E enchem nosso coração.

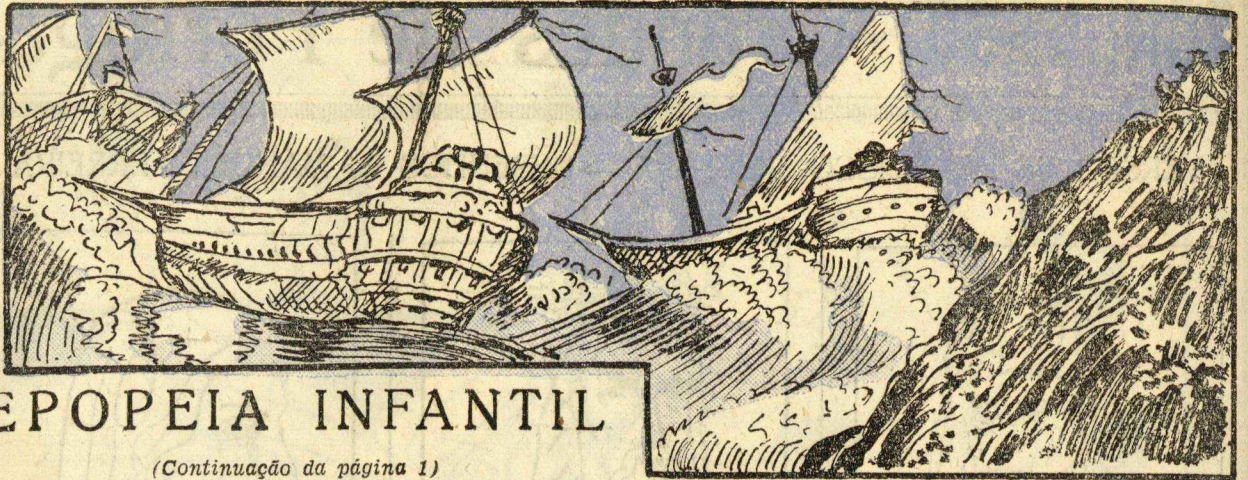
Pois mostram o nosso povo,
Grandioso como ciclopes.
Foi o pai da nossa História
O cronista

Todas as mããs devem oferecer aos seus filhos o livro

«A Vida de Três Crianças»

Interessante Novela Infantil da ilustre escritora
GRACIETTE BRANCO

Pedidos à Editorial «O SÉCULO» — Rua do Século, 49 — LISBOA



EPOPEIA INFANTIL

(Continuação da página 1)

salém e afugentar aqueles que ousavam ameaçar de profanação o túmulo de Cristo.

O prêgação foi enorme.

No começo do século XIII, no mês de Janeiro de 1212, um pastorinho da Vendome, que se chamava Estevam, empolgado pelo fervor dos prêgadores, meteu-se a percorrer os campos, chamando a si crianças da sua idade e, feito pequeno apóstolo, pede-lhes que o acompanhem na peregrinação.

Com tamanha fé falava o pequeno prêgador, que alcançou, por fim, esta maravilha que ainda hoje, passados sete séculos, espanta muitos historiadores.

Rapazes e raparigas, juntando-se aos milhares, em torno do pequenino apóstolo, não hesitaram em o acompanhar, a um santuário próximo, mas que ficava, precisamente, em Jerusalém.

O pequeno Estevam, conduzido numa carruagem ricamente ornamentada e rodeado de numerosos guardas como na comitiva dum príncipe, comandava milhares de crianças, até numerosas pessoas adultas entre as quais alguns padres que o seguiam, uns por amor da Fé, outros por gosto de aventuras.

Propunha-se este grande exército de crianças libertar o túmulo de Jesus.

Durante a sua longa viagem, o exército de crianças vivia de esmolas.

Muitos dispersaram-se e morreram pelo caminho. Aqueles que conseguiram chegar até Marselha, ainda encheram sete grandes barcos. Duas destas embarcações, naufragaram próximo das costas da Sardenha, sobre os rochedos da Ilha de S. Pedro.

Os outros cinco barcos foram levados à Alexandria e aqui também não foram felizes os pequenos e heroicos peregrinos.

Os barcos, que os trouxeram de Marselha, foram oferecidos por dois maus armadores, chamados Hoque Ferry e Guilherme de Paquère. Estes homens ofereceram-se para levar as crianças à Terra Santa, dizendo que os conduziriam por amor e glória de Deus.

Mas a triste verdade é que, chegados à Alexandria, as heroicas crianças foram vendidas como escravos.

Mais tarde, concluída a paz entre Frederico II e o sultão Al-Kaneill, Governador da Alexandria, retomaram a liberdade setecentos peregrinos dessa prodigiosa e infantil cruzada.

Eram já uns homens.

Como castigo, imposto por Frederico II, os dois maus negociantes foram enforcados.

Em honra das crianças afogadas no naufrágio das suas barcas, o papa Gregório IX mandou edificar sobre um dos rochedos da Ilha de S. Pedro, uma igreja dedicada aos santos inocentes.

«Foi, por fim, — (concluiu o tio João) — que quando ouvirdes falar, em qualquer festividade religiosa, dos Santos Inocentes, é duma parte dum glorioso exército de heróis da vossa idade, que se trata.

Não vos impacienteis. Ide brincar mas fixai bem que, em qualquer idade, se podem fazer coisas muito belas, muito grandes, e se alcança, com fé, ser um herói.

■ ■ F I L M ■ ■

A N E D O T A S

A mãe dum patetinha, mandou-o ir buscar, a uma loja, uma cadeira de rodas para o avô paralítico, a qual fôra para consertar.

Pela estrada, em declive, vinha o patetinha a suar, muito cansado com a cadeira às costas. Encontrando um companheiro da escola, que era muito esperto, pediu-lhe que transportasse a cadeira, porque ele já não podia mais com ela.

Então, o amigo pôs a cadeira de rodas no chão, sentou nela o patetinha, deu-lhe um ligeiro empurrão e fê-lo chegar a casa repimpado.

Uma ignorante mulherzinha, estando a descascar uma porção de batatas, foi advertida pelo marido de que uma

batata tinha um pedacinho verde que devia amargar.

— «Tens razão. — (respondeu-lhe a mulher.) — Deixo-a ficar de parte; em estando madura já se pode comer.

Três pequenitos, ao regressarem da escola, passaram por um burrinho, que estava puxando uma nora, com os olhos vendados. Supondo que o burrinho estava assim por querer brincar à cabra-cega, tiraram-o da nora e principiaram o jogo.